

Memórias da docência: sentidos e percepções sobre práticas educativas no Delta do Rio Parnaíba (1980-1990)

Memories of teaching: meanings and perceptions about educational practices in Delta do Rio Parnaíba (1980-1990)

José Marcelo Costa dos Santos¹

Universidade Federal do Maranhão

Maria do Amparo Borges Ferro²

Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Este estudo contempla memórias, práticas e significados da docência em povoados ribeirinhos do Delta do Rio Parnaíba, no recorte de 1980 a 1990. O objetivo geral da pesquisa é analisar aspectos de práticas pedagógicas docentes em contextos ribeirinhos no Delta do Rio Parnaíba, a partir de memórias de professoras aposentadas. Especificamente, buscamos: caracterizar a prática pedagógica docente de professoras na região de Ilha Grande de Santa Isabel, no período de 1980 a 1990; identificar dificuldades e desafios enfrentados pelas docentes ribeirinhas; apresentar perspectivas sobre os sentidos e significados da docência. Trata-se de uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa, no viés metodológico da História Oral. A técnica empregada foi o relato de história oral de vida, uma adaptação da entrevista de história oral, tendo como colaboradoras duas professoras aposentadas. A base teórica se ampara, dentre outros, em autores como: Brandão (2007), Franco (2016; 2015), Freire (1999), Hablbwachs (2013), Meihy (2005), Zabala (1998). A pesquisa mostrou que a prática das professoras que atuaram em Ilha Grande de Santa Isabel, no período de 1980 a 1990, se configurou como um processo de travessias, marcado por dificuldades, desafios, realização profissional e práticas educativas que mudaram e marcaram vidas.

Palavras-chave: Delta do Rio Parnaíba; Memórias; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This study contemplates memories, practices and meanings of teaching in riverside villages of the Parnaíba River Delta, from 1980 to 1990. The general objective of the research is to analyze aspects of teaching pedagogical practices in riverside contexts in the Parnaíba River Delta, from memories of retired teachers. Specifically, we seek: to characterize the teaching pedagogical practice of teachers in the region of Ilha Grande de Santa Isabel, in the period from 1980 to 1990; identify difficulties and

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Bernardo, Maranhão, Brasil. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo. Rua Bernardo Francisco da Cunha Centro 64500000 - São Bernardo, MA - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5612-5601> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1005672294726953>. E-mail: marcelo.jose@ufma.br

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Campus Universitário da Ininga, bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil, CEP: 64.049-550. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1584-7007>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8212833454967440>. E-mail: amparobferro@gmail.com.

challenges faced by riverside teachers; to present perspectives on the senses and meanings of teaching. This is a historical research, with a qualitative approach, in the methodological bias of Oral History. The technique used was the oral history of life report, an adaptation of the oral history interview, with two retired teachers as collaborators. The theoretical basis is based, among others, on authors such as: Brandão (2007), Franco (2016; 2015), Freire (1999), Hablbwachs (2013), Meihy (2005), Zabala (1998). The research showed that the practice of the teachers who worked in Ilha Grande de Santa Isabel, in the period from 1980 to 1990, was configured as a process of crossings, marked by difficulties, challenges, professional fulfillment and educational practices that changed and marked lives.

Keywords: Delta do Rio Parnaíba; Memories; Pedagogical Practice.

RESUMEN

Este estudio contempla memorias, prácticas y significados de la enseñanza en aldeas ribereñas del delta del río Parnaíba, de 1980 a 1990. El objetivo general de la investigación es analizar aspectos de la enseñanza de prácticas pedagógicas en contextos ribereños en el Delta del Río Parnaíba, a partir de memorias de docentes jubilados. Específicamente, buscamos: caracterizar la práctica pedagógica docente de los maestros en la región de Ilha Grande de Santa Isabel, en el período de 1980 a 1990; identificar las dificultades y desafíos que enfrentan los maestros ribereños; Presentar las perspectivas sobre los sentidos y significados de la enseñanza. Se trata de una investigación histórica, con enfoque cualitativo, en el sesgo metodológico de la Historia Oral. La técnica utilizada fue el relato de historia oral de vida, una adaptación de la entrevista de historia oral, con dos profesores jubilados como colaboradores. La base teórica se basa, entre otros, en autores como: Brandão (2007), Franco (2016; 2015), Freire (1999), Hablbwachs (2013), Meihy (2005), Zabala (1998). La investigación mostró que la práctica de los maestros que trabajaron en Ilha Grande de Santa Isabel, en el período de 1980 a 1990, se configuró como un proceso de cruces, marcado por dificultades, desafíos, realización profesional y prácticas educativas que cambiaron y marcaron vidas.

Palabras clave: Delta del río Parnaíba; Recuerdos; Práctica Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A educação compreende relações entre encontros e atravessamentos que envolvem pessoas, lugares e tempos. Forma-se e é formada entre travessias e correntezas, assim como ocorre na formação dos igarapés no Delta do Rio Parnaíba, nos cruzamentos e entrecruzamentos d'águas que sangram e levam vida a diversos contextos.

Nesse ecossistema, formado por mais de 70 ilhas entre os estados do Ceará, Maranhão e Piauí, todos os dias acontecem inúmeras travessias em correntezas, algumas não tocam, necessariamente, a água, acontecem na leveza dos ventos, como é exemplo a revoada dos guarás, ou seja, o movimento de concentração dessas aves em uma pequena ilha, onde se recolhem para descansar ao final das tardes. A ilha fica avermelhada pelo grande número de aves, produzindo uma visão exuberante.

A ilha dos guarás se metamorfoseia em cores por meios das travessias dos pássaros, que dão formas e tons a essa paisagem, contornam ao crepúsculo e a deformam a cada manhã, porque nas travessias de vida as correntezas acontecem entre idas e vindas. No “delta da educação”, também podemos observar os cruzamentos dos rios e igarapés do

conhecimento que, às vezes, ocorrem de forma inusitada, outras por meio de premeditação.

Fato é que, sendo uma ou outra, as experiências do encontro e do atravessamento são sempre únicas e, por isso, marcantes, constituindo-se de práticas e vivências que educam. Essas práticas possibilitam processos de aprendizados que nos permitem pensar, refletir e interpretar suas implicações nos contextos em que foram construídas e desenvolvidas.

Neste segmento, podemos relacionar as memórias docentes de professoras que atuaram em povoados da região de Ilha Grande de Santa Isabel, no Delta do Rio Parnaíba, norte do Piauí, cerca de 350 km da capital Teresina, no período de 1980 a 1990. Trata-se de docentes normalistas que iniciaram suas carreiras em grupos escolares nos contextos de comunidades ribeirinhas.

O estudo justifica-se em virtude de que apresenta aspectos pertinentes à História da Educação Piauiense, com enfoque em comunidades tradicionais, trazendo contribuições sobre como se desenvolviam as práticas pedagógicas docentes em comunidades rurícolas desse território.

O fazer docente das profissionais que ali atuaram trouxe a possibilidade de escolarização em locais em que havia escassez de escolas e de professores formados. Desta feita, buscamos o entendimento da seguinte problemática: “como se deu a prática pedagógica docente de professoras ribeirinhas no Delta do Rio Parnaíba, no período de 1980 a 1990?”

O objetivo geral da pesquisa é analisar aspectos de práticas pedagógicas docentes em contextos ribeirinhos do Delta do Rio Parnaíba, a partir de memórias de professoras aposentadas. Especificamente, buscamos: caracterizar a prática pedagógica docente de professoras na região de Ilha Grande de Santa Isabel, no período de 1980 a 1990; identificar dificuldades e desafios enfrentados pelas docentes ribeirinhas nesse território; e apresentar perspectivas docentes sobre os sentidos e significados do magistério.

Assim, este artigo traz provocações ao leitor sobre como educação se institui num fenômeno que se estabelece na condição do homem ser um sujeito que, constantemente, ensina e aprende; estar para a humanidade como esta se configura para a linguagem e para a história do homem, uma vez que é por meio da educação que fomos, somos e seremos as múltiplas sociedades que compõem a identidade de nossa espécie.

EDUCAÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVA

Desde a antiguidade, o ser humano buscou educar e educar-se em conceitos e perspectivas. Em cada momento da história, encontramos formas de produzir conhecimento, quer pela necessidade instintiva de sobrevivência ou pela interação com as forças da natureza,

quer pela experimentação.

Não há educação sem os entes que a tornam possível, em contraponto não há formação de seres sem os processos educativos que, inclusive, são antecessores à escola enquanto instituição que promove educação e, desta forma, educa o homem a partir de sistemas, políticas e práticas.

A educação deve ser pensada para além da escola, uma vez que já existia antes que a instituição escolar pudesse ser cogitada, sendo produto das relações do homem. Desde que o ser humano passou a aprender, ensinar, indagar-se, produzir, descobrir, manifestar, houve processos de educação, de educações. Assim:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (Brandão, 2007, p.07).

Esse autor nos mostra algumas dimensões de como se formou esse fenômeno e seu objeto enquanto aprendizado de conceitos e ideologias na história da humanidade. Provoca uma discussão sobre o conceito e a compreensão da finalidade da educação na história, enfatizando momentos importantes como, por exemplo, como se deu a educação desde a Grécia antiga até ao mundo ocidental, caracterizando as diversas formas de manifestação do ato de educar em suas múltiplas finalidades.

Segundo Brandão (2007, p. 10): “A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário”. Isto significa que a educação se dá em contextos e perspectivas que variam de acordo com a sociedade e o tempo histórico, não se tratando de uma mera reprodução de conceitos, uma vez que não totaliza nem homogeneiza; forma, instrui, educa, nas faces e interfaces do próprio homem enquanto ser histórico, social e cultural.

Não há, nesta proposição, a obrigatoriedade de que exista uma escola para que se tenha educação, haja vista que, embora seja a escola o espaço destinado à promoção de atos educativos formais, outros contextos podem ser propícios para que ensinemos e/ou aprendamos, com ou sem a presença de um currículo estabelecido ou de um calendário a ser seguido.

Neste ensejo, “a educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra [...] porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida”. (Brandão, 2007, p. 13).

O autor esclarece ainda que a educação pode ser considerada, também, como uma

Título em Português (Idioma Principal)

dimensão do modo de vida das diversas sociedades, ou seja, é criada e pensada com fins à manutenção dessas sociedades, no sentido de que é pela e na educação que as diferentes culturas e identidades são criadas e, coletivamente, mantidas.

Sobre educação, Freire (2011) compreende que se trata de um processo em que o indivíduo pode construir-se como sujeito ativo que pode ser transformado e transformar a sociedade, aprendendo a construir críticas e reflexões sobre os contextos sociais, históricos e culturais do qual faz parte.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. [...]A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos. (Freire, 2011, p.14).

Desta forma, a educação pode ser considerada um ciclo de interações que se forma, transforma, (des)forma e se renova nos pares que o tornam possível, uma verdadeira travessia em correntezas de diferentes marés. Há uma relação entre quem ensina e quem aprende, uma relação de aprendizados diversos, oportunizando a quem ensina, aprender no processo e quem aprende pode ensinar na construção desse aprendizado.

A ideia de educação se relaciona com o conceito de prática educativa. Esse termo é abrangente, como nos diz Zabala (1998), que relaciona seus postulados com as configurações em torno da ação didática do professor e de sua função nos contextos de ensino, enfatizando aspectos sobre conteúdos escolares, caracterizando o que considera como prática e processos educativos.

Os processos educativos são suficientemente complexos para que não seja fácil reconhecer todos os fatores que os definem. A estrutura da prática obedece a múltiplos determinantes, tem sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc. Mas a prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc. (Zabala, 1998, p. 16).

A menção desse pesquisador nos mostra quão complexa é a tarefa de compreender o que é e como se desenvolvem as práticas nas dimensões da educação. Retomando as travessias das ribeirinhas do Delta do Rio Parnaíba, compreendemos que desenvolver uma pedagogia com as especificidades que havia nessas comunidades ripícolas tornavam o fazer dessas professoras uma relação de práticas fomentadoras de transformação, que podem ser consideradas pedagógicas docentes.

Zabala (1998) acredita que é papel do professor pensar, mediante relações possíveis entre conteúdos e formas, o melhor caminho para o desenvolvimento de sua prática, que deve ser pensada, planejada, articulada na medida em que seja possível a interação com alunos, de modo a considerar suas contribuições no desenvolvimento de atividades em sala de aula.

Tecer uma análise sobre a relação entre estes segmentos do trabalho do professor é adentrar a essência deste fazer: o que é feito, para que e/ou para quem é feito e como é feito, tendo em vista as relações em que é possível desenvolvê-lo. O trabalho do professor ribeirinho por si só já configura uma prática, considerando que para Sacristán (1999, p.28), esta é uma “atividade dirigida a fins conscientes, como ação transformadora de uma realidade; como atividade social historicamente condicionada, dirigida à transformação do mundo; como a razão que fundamenta nossos conhecimentos”.

Sendo assim, essa prática precisa ser refletida, direcionada, coordenada e desenvolvida por um profissional da docência, portanto, uma prática pedagógica docente, na dimensão em que é “entendida como uma práxis que envolve a dialética entre o conhecimento e a ação com o objetivo de conseguir um fim, buscando uma transformação cuja capacidade de mudar o mundo reside na possibilidade de transformar os outros”. (Sacristán, 1999, p. 28).

Neste ensejo, a prática do professor é considerada pedagógica porque é pensada e repensada enquanto possibilidade de ensino e de aprendizagem nos contextos em que seja propícia. Voltada às ações do professor, daí ser considerada prática docente, a prática pedagógica provém de intencionalidade. A este respeito, Franco (2016, p. 536) postula:

Assim, uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados. Nesse aspecto, uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo.

De acordo com essa pesquisadora, embora seja comum a associação sinonímica entre prática educativa e prática pedagógica, é preciso que entendamos que há certas especificidades que as tornam relacionais, mas que não configuram sinônimos, visto que para ser educativa a prática deve se constituir como “a concretização de processos educacionais, ao passo que as práticas pedagógicas se referem a práticas sociais que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos”. (Franco, 2016, p. 536).

Título em Português (Idioma Principal)

A prática educativa se configura como um movimento no qual se dão práticas de educação, quer em espaços de formalização institucional quer em cenários para além da rotina escolar, uma vez que ela é a própria vida do homem, que educa e é educado, ou se deseduca para ser reeducado ao longo de suas vivências, suas experiências, que são atravessadas por diferentes práticas: educativa, pedagógica docente.

As atividades em que se tornam possíveis as práticas educativas podem compreender práticas pedagógicas docentes, porque uma tem íntima relação com a outra e ambas podem ocorrer em espaços dentro e fora do ambiente escolar, ou seja, nas relações nas quais aprendemos e ensinamos de alguma forma e por razões outras.

Compreendemos que a prática se dá de forma dialética, a partir de ações que envolvem indivíduos em tempos e modos, o que impulsiona o próprio sentido da constituição da prática, que é geradora dela mesma, em um ato de interação constante, gerando e sendo gerada nas dimensões em que ocorre. (Pimenta, 2003).

Uma prática educativa existe na proporção em que há educação, educações (Brandão, 2007), isto é, na relação por meio da qual os saberes são produzidos e se processam como resultado de trocas entre entes e/ou entre entes e objeto, de modo que seja possível ensinar e aprender ou aprender e ensinar, ou ainda, aprender ensinando e ensinar aprendendo.

Evidentemente, existem categorizações a este respeito, logo, não podemos pensar que por ser educativa uma prática na qual sujeitos aprendem em grupos sociais (em casa, na rua ou na igreja) seja a mesma delegada à escola, ainda que haja certas compatibilidades, pois, segundo Pimenta e Lima (2006, p. 12), “a prática educativa (institucional) é um traço cultural compartilhado e que tem relações com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições”.

Libâneo (2001, p. 09) postula que “as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais que caracterizam a estrutura econômica e política de uma sociedade, estando subordinadas a interesses sociais, econômicos, políticos e ideológicos de grupos e classes sociais”, o que representa a não determinação de onde e de quem pode ser agente dessa prática; por consequência, sendo educativa não diz respeito, exclusivamente, ao professor ou à escola.

Ainda assim, é necessário ressaltar que a prática educativa formal e institucionalizada diz respeito à instituição escolar, tendo como profissional o professor e como direcionamentos didáticos, as metodologias de ensino do conhecimento tido como formal. As práticas educativas escolares englobam as práticas pedagógicas docentes, para as quais são necessários formação específica, currículo, planejamento, estrutura física e pedagógica.

METODOLOGIA

Este estudo se configura como uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa, na perspectiva metodológica da História Oral. A técnica empregada foi o relato de história oral, uma adaptação da entrevista de história oral (Meihy, 2005), tendo como colaboradoras duas professoras aposentadas, que compartilharam memórias coletivas (Halbwachs, 2013) de seus tempos de estudantes normalistas e profissionais do ensino em povoados do Delta do Rio Parnaíba.

Trabalhamos, nesta análise, com o conceito de memória a partir dos postulados de Halbwachs (2013), que a compreende como um processo em que o indivíduo, em interação com membros de uma comunidade afetiva, é capaz de reconstituir fatos ocorridos no passado, de modo que uma pessoa pode ajudar outra na reconstrução de uma lembrança, considerando que as memórias são individuais e, essencialmente, coletivas, ou seja: “uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos”. (Halbwachs, 2013, p. 31).

No caso das colaboradoras deste estudo, a memória coletiva se faz presente nos relatos sobre suas vidas como estudantes ribeirinhas e como professoras normalistas, em que a lembrança de uma completa as reminiscências da outra, visto que as vivências ocorrem no mesmo recorte temporal. Isso possibilita a realização da pesquisa histórica a partir dessas memórias.

Segundo Moreira e Calfe (2008, p. 75), “na pesquisa histórica, o pesquisador sistematicamente investiga e analisa documentos e outras fontes de dados sobre um determinado problema, comportamento ou evento ocorrido no passado”. No caso deste estudo, contempla-se uma análise de relatos de memória de professoras aposentadas.

Possuindo uma abordagem qualitativa (Mínayo, 2001), esta pesquisa se baseia na compreensão de relações, comportamentos e atitudes de professoras normalistas, que compartilharam memórias de seus tempos de docência, enfatizando suas travessias de formação de práticas educativas no final do século XX.

A perspectiva metodológica que norteou este estudo compreendeu o campo epistemológico da História Oral, segundo os estudos de Meihy (2005), que a caracteriza como “um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e é

Título em Português (Idioma Principal)

reconhecida como história viva”. O trabalho nesta perspectiva configura um processo interpretativo a partir de narrativas orais.

A modalidade em que se desenvolveu esta pesquisa é a História oral de vida, em aproximação à técnica de entrevista de história oral (Meihy, 2005), adaptada em relato de história oral de vida. A técnica compreendeu uma conversa informal na qual interagimos com as colaboradoras, individualmente, deixando-as à vontade para expressar suas memórias.

Ao longo da conversa, que ocorreu na residência de cada professora no ano de 2020, antes do período pandêmico, foram direcionadas quatro perguntas-base sobre aspectos do objeto aqui analisado. Os relatos tiveram duração de 30 a 40 minutos, aproximadamente, e foram gravados em aparelho de *smartphone*.

As colaboradoras foram duas professoras aposentadas, identificadas nesta pesquisa como “*Colaboradora 01*” e “*Colaboradora 02*”, selecionadas em observância ao seguinte critério: ser moradora de Ilha Grande de Santa Isabel, tendo atuado como professora em povoados dessa região no período de 1980 a 1990, bem como ter tido formação pedagógica em nível Normal nesse mesmo período.

A trajetória metodológica do estudo compõe as seguintes etapas: construção da Fundamentação Teórica; identificação das colaboradoras; envio de carta-convite às colaboradoras; visita de apresentação do projeto às colaboradoras; assinatura do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aplicação da técnica de relato de história oral de vida; audição, transcrição e textualização do material dos relatos; envio das transcrições para aprovação das colaboradoras; construção das categorias de análise; tratamento e análise dos dados; produção do relatório de pesquisa em formato de artigo científico.

O material colhido nos relatos foi analisado a partir de três categorias: 1) memórias de início de carreira; 2) memórias da docência; 3) memórias e significados de ser professora. Essas categorias são tratadas na análise de quatro perguntas-base, mediante demonstrativos dos relatos de memória. Em cada demonstrativo há fragmentos dos relatos das colaboradoras, relacionados entre si, de modo a estabelecer o caráter de memória coletiva do período histórico contemplado no estudo.

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS RIBEIRINHAS

As duas professoras que fizeram parte desta pesquisa são naturais de Ilha Grande de Santa Isabel, zona rural de Parnaíba até 1994, quando foi emancipada originando a cidade de

José Marcelo Costa dos Santos e Maria do Amparo Borges Ferro

Ilha Grande-PI. São oriundas de famílias de agricultores e pescadores, receberam os primeiros estudos em casas-escolas e/ou grupos escolares.

A *Colaboradora 01* tem 65 anos, passou a infância no povoado Bom Jesus. Para poder continuar os estudos, mudou-se para Teresina, passando a morar com uma tia. Na capital concluiu o Curso de Habilitação profissional de 2º grau para o exercício do magistério do 1º grau pelo Instituto de Educação Antonino Freire, em 1981. Após uma breve experiência profissional em Teresina-PI, retornou para Ilha Grande, iniciando sua carreira no povoado Pedra do Sal – comunidade praiana do litoral piauiense.

Alfabetizava crianças durante o dia e à noite ensinava aos pais, os pescadores da praia, à luz de lampião porque ainda não havia energia elétrica nesse povoado. Tempos após concluir o curso Normal, formou-se em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí; trabalhou por mais de vinte anos na educação piauiense. Atualmente, está aposentada pela Secretaria de Estado da Educação do Piauí e pela Prefeitura de Ilha Grande.

A *Colaboradora 02* tem 71 anos, sempre morou no então povoado Morros da Mariana, atual bairro centro de Ilha Grande. Desde criança admirava a profissão e, após seus estudos no Primário e Ginásio, lutou para ser professora conseguindo, com muitas dificuldades, o diploma de Habilitação para o Magistério pela Escola Normal Francisco Correia, na cidade de Parnaíba, em 1980.

Iniciou sua carreira em 1981, como professora alfabetizadora. Toda sua vida profissional, vinte e seis anos, foi na mesma escola, um grupo escolar no povoado Cal, em Ilha Grande, que atendia a moradores ribeirinhos de várias localidades dessa região. Hoje está aposentada pela Secretaria de Estado da Educação do Piauí.

As duas professoras foram efetivadas sob perspectivas específicas: inicialmente foram indicadas por políticos da região, pessoas influentes na Prefeitura de Parnaíba ou no Governo do Estado. Os indicados tinham contrato por tempo determinado, geralmente celebrado no período de março a dezembro, podendo ser renovado anualmente.

A *Colaboradora 01* foi efetivada por meio de concursos públicos, inicialmente como professora polivalente da Secretaria de Estado da Educação do Piauí, na década de 1980, e no final da década de 1990 foi aprovada no primeiro concurso público de Ilha Grande-PI. Já a *Colaboradora 02* se tornou professora do quadro permanente da Secretaria de Estado da Educação do Piauí, mas não chegou a prestar concurso, foi contratada e inserida no quadro oficial de professores por decreto do então governador Hugo Napoleão, que esteve à frente do Estado no período de 15 de março de 1983 até 14 de maio de 1986.

A condição de ser professora nas comunidades da região de Ilha Grande de Santa Isabel significou um grande desafio, ao passo que também propiciou sentido e ressignificação

Título em Português (Idioma Principal)

de vida para essas docentes, que compartilharam lembranças de seus tempos de professoras nos primeiros anos de docência.

Colaboradora 01: Eu tinha uns alunos já grandes, naquelas turmas multisseriadas, então eu dividia o quadro e ficava ali com eles, tinha uma turma que diziam que não ia me respeitar. Aí fui ganhando a confiança deles e fui ajudando, falava com eles e descobri que os alunos maiores não sabiam ler, tadinhos, eles ficavam inquietos porque não conseguiam ler. Então, peguei aquelas revistinhas em quadrinhos e comecei a chamá-los, dizia que ia ensiná-los a ler e eles diziam que queriam aprender. Esses meninos foram, aos poucos, começando a silabar e depois fui fazendo ditado e eles foram aprendendo e se tornaram meus amigos! Quando a maré ficava seca, formava aquela praia linda, então eu pegava cordas, eles arranjavam bola e fazíamos os times e eles brincavam e depois voltávamos para sala.

Colaboradora 02: Naquele tempo tudo era mais difícil. [...] Eu ensinava assim: preparava aquela aula do dia, tinha meu caderno de planos e ali eu já deixava tudo como era pra ser. Se era dia de leitura, eu tomava a lição, onde cada criança tinha que ler, se soubesse e não soubesse, a gente ia de carteira em carteira, ou chamava na mesa para ensinar a lição, era assim. Alguns aprendiam mais rápido, outros demoravam mais. Também fazia o estudo da tabuada, para eles aprenderem as principais operações.

O relato da *Colaboradora 01* permite compreender que sua prática pedagógica docente, também educativa (Franco, 2020; 2016) era marcada por criatividade e muito empenho, pois buscou a aproximação com os alunos, tornou-se amiga deles, os alfabetizou por meio de revistas em quadrinhos, fazendo relações entre várias formas de linguagem, possibilitando formas de aprendizado. Fez com que os discentes percebessem o sentido de aprender, tornou sua prática significativa, com traços de transformação daquela realidade.

Nas memórias da *Colaboradora 02*, em profundezas de águas remissivas, há ênfase às lembranças de seus tempos de docente no povoado Cal. Essa professora seguia os procedimentos aprendidos com seus professores de Didática e Metodologias na Escola Normal, possuía um caderno de planos no qual registrava, diariamente, suas atividades com as turmas em que lecionava, em sua maioria formada por alunos de nível de Alfabetização, mas também de outras séries do 1º grau.

A afetividade foi um ponto crucial na prática das duas colaboradoras, de outra forma não poderiam conseguir os resultados que obtiveram: crianças aprenderam a ler e a escrever graças ao trabalho dessas profissionais, o que já representava grande mudança em uma região em que havia escassez de escolas e muitas pessoas analfabetas.

Essas mulheres foram sensíveis às necessidades de seus alunos e estes permitiram que elas se aproximassem e vissem a real situação deles, fato que foi determinante em suas propostas metodológicas, visto que foi possível a essas professoras “[...] afetar o outro a partir de comportamentos, sentimentos e reações”. (Lima, 2010, p. 53).

Havia o cuidado e a responsabilidade em tentar fazer um bom trabalho, embora as muitas dificuldades como falta de estrutura e materiais didáticos. Tirar os alunos da sala de aula, como fazia a *Colaboradora 01*, ou atender individualmente cada discente, como era rotina da *Colaboradora 02*, possibilitava a interação no meio com o qual os alunos podiam interagir, indiciando que o fazer dessas professoras foi significativo e, possivelmente, eficaz.

Vale ressaltar que a formação das colaboradoras foi forjada nas bases das Pedagogias Liberais, principalmente a Tradicional (Libâneo, 2001), na qual a autoridade, o domínio do conhecimento e o ensino pautado na passividade do aluno em relação à prática do professor eram fortes características. Contudo, mesmo com as influências naturais dessa tendência em suas práticas, essas professoras buscavam certo diferencial, principalmente no sentido de manter um ambiente de boas relações afetivas com seus alunos.

Em um dos momentos mais interessantes da técnica de produção dos relatos, as colaboradoras compartilharam conosco seus baús de segredos pedagógicos, que lhes possibilitavam desenvolver suas práticas. Elas ainda guardam em seus arquivos pessoais momentos e materiais de seus tempos de professora como anotações, cadernos de planos e diplomas.

Isso ratifica o que Mignot e Cunha (2003) postulam, ao salientarem a importância dos materiais de memória dos professores, por meio dos quais podemos ter importantes entendimentos sobre práticas pedagógicas docentes, mas que não recebem a devida atenção e importância, às vezes.

Alguns documentos sobre o fazer docente resultam da necessidade de testemunhar o vivido, revelando desempenhos por vezes anônimos ou que, ao longo do tempo, caíram no anonimato. Outros resultam de imposição. Desvalorizados a cada arrumação, são relidos, selecionados, destruídos. Têm o mesmo destino de outras escrituras ordinárias, também desprezadas. Ganham importância para a compreensão da cultura escolar e, especialmente, da cultura docente. (Mignot; Cunha, 2003, p. 09).

Esse acervo guardado com carinho e saudosismo por essas professoras compreendem um celeiro de memórias, reflexos de tantas travessias em diversos momentos de correntezas oriundas de rios e igarapés por onde navegaram e se tornaram profissionais realizadas e felizes com o legado que construíram no Delta do Rio Parnaíba.

Baús de segredos, sonhos e projetos é o que vimos. Para as colaboradoras, esses objetos reparam ternas lembranças de um tempo que foi crucial em suas vidas: os primeiros anos da profissão que determinaram as pessoas que se tornaram.

Entre páginas amareladas, com espiral em traços de ferrugem ocasionados pelo tempo, as colaboradoras, com olhar de ternura, nos mostraram seus tesouros: a *Colaboradora*

Título em Português (Idioma Principal)

01 compartilhou antigos livros didáticos e o diploma de normalista, enquanto que a 02 mostrou seu caderno de anotações e planos de aula.

Para essas docentes, o objetivo expressivo de sua prática era possibilitar formas de aprendizado para seus alunos, o que lhes trazia inquietação, posto que não havia boas condições de trabalho e era preciso buscar na criatividade, no relacionamento do improvável com o possível, aproveitando o que a comunidade disponibilizava, formas de conseguir alcançar suas metas, o que nem sempre ocorria.

Suas ações, sendo pensadas e articuladas tinham a finalidade de levar aprendizado aos seus alunos. Essa característica do fazer docente diz respeito ao que o Franco (2020, p. 04) postula sobre a ideia de prática pedagógica: “São práticas que se organizam intencionalmente para atender determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social”.

Durante os relatos, percebemos ainda mais o valor e o real significado do magistério para essas mulheres. Quando indagadas sobre o sentido de ser professora, na perspectiva de como essa escolha impactou em suas vidas, elas assim se expressaram:

Colaboradora 01: Ser professor é mediar o conhecimento, ser uma pessoa que vai ajudar o aluno e que o aluno possa confiar, que possa tirar suas dúvidas, sabendo que o professor vai ajudar. É uma pessoa amiga; o professor tem o poder de mudar, de dá um direcionamento na vida do aluno, mas ele precisa saber como vai fazer, qual o direcionamento.

Colaboradora 02: Na minha concepção, professora é aquela pessoa que tem aquela dedicação e tem os alunos com filhos, deseja o melhor pra eles, repassa o que sabe e quer que eles cheguem até numa maior graduação, porque eu fui uma professora primária, com amor e dedicação. A gente está presente na vida do aluno, então a gente tem que ser eficiente, cumpridora das nossas obrigações como eu fiz por toda vida. Eu nunca fui chamada à atenção, graças a Deus. Eu tenho amor por essa profissão e valorizo muito!

Segundo essas docentes, o professor necessita vivenciar os valores de sua prática para poder disseminá-los entre os alunos, pensando e fazendo o que é necessário, o correto a ser feito. É preciso, como esclareceu as participantes, construir uma relação de respeito, amizade, afeto, aliada a uma postura de compromisso, responsabilidade, perseverança e zelo pela profissão.

As duas partícipes foram enfáticas ao afirmarem que o trabalho de professor envolve amizade, amor e compromisso em buscar o desenvolvimento de práticas que preparem os alunos não só por meio do estudo de conteúdos específicos dos componentes curriculares, mas que envolvam formação social.

Comprendemos que o sentido de ser professora nas travessias de Ilha Grande envolvia um conceito que foi compartilhado pelas colaboradoras, o qual diz respeito a alguém que, munido de capacidades, deve fazer seu melhor, respeitando e valorizando a

José Marcelo Costa dos Santos e Maria do Amparo Borges Ferro

profissão e o público a que se destina, para que seja feliz em realizar esse trabalho, ainda que tenha que vencer muitas tormentas nessa travessia.

Ao lembrarem as precariedades em seus tempos de magistério, as docentes foram pujantes ao relatarem a falta de estrutura e ausência de materiais didáticos. Na maioria das vezes, só dispunham de um quadro, alguns pedaços de giz, caderno e lápis, como bem ratificam:

Colaboradora 01: [Risos] Ah, as dificuldades eram muitas, primeiro que não se tinha estrutura, quase nada praticamente, então, a gente tinha que se virar. Eu lembro que quando era à noite que ventava muito [no povoado Pedra do Sal], o lampião quase apagava, então os meninos ficavam mudando de lugar para onde a claridade era melhor. Durante o dia, o maior problema era a falta de material e a escolinha que era muito precária.

Colaboradora 02: Tinha muita dificuldade! Para começar na minha casa não tinha energia elétrica, então eu preparava as atividades à luz de lamparina, vinte e tantos cadernos e as provas também; depois tinha que ler tudo de um a um, porque uns alunos eram rápidos, mas outros eram muito lentos, às vezes eu quase perdia o ônibus esperando eles terminar as atividades. O povo diz que hoje tá difícil lidar com as crianças, mas eu naquele tempo já achei dificuldade, tinha muitos alunos com problemas, alguns eram assim bem rebeldes. Às vezes não tinham material, eles (o Governo) mandavam, às vezes, cadernos, lápis, mas quando não tinha a gente pedia, até no começo das aulas a gente pedia, lembro que uma vez uma mãe foi falar na rádio denunciando que não ia dar material [risos].

Esses relatos expressam algumas das intempéries da profissão, o fato da carência de materiais, principalmente. Em certas ocasiões isso não era compreendido pelos pais que atribuíam a culpa às professoras e acabavam sendo indelicados com essas profissionais. Aliado a isso, alguns alunos não demonstravam interesse em estudar e sobre isso, podemos elencar alguns possíveis motivos: muitas famílias não reconheciam a necessidade e a importância do estudo, posto que compreendiam a educação como algo inacessível ou somente para os mais abastados; as crianças eram inseridas muito cedo nos trabalhos de agricultura, pesca e coleta de frutos silvestres e essas demandas causavam, além de cansaço, o afastamento das atividades escolares, incluindo a própria frequência nas aulas diárias.

Observamos que há nesse aspecto uma questão de precarização não apenas da Educação, mas também da Saúde Pública, provocando o quadro de carência descrito. Foi relato recorrente das participantes a ausência dos alunos, principalmente no período da safra de caju, entre os meses de agosto e outubro, em que a maioria era catador de castanha de caju e mantinha uma rotina de coleta desse fruto, com intuito de ajudar os pais na receita familiar. A marca dos catadores de castanha se tornava visível na vestimenta, manchadas pelo suco do caju consumido *in natura* durante a coleta, bem como os cheiros característicos que se tornavam comuns entre os ribeirinhos.

Título em Português (Idioma Principal)

Outras situações de dificuldade relatadas pelas colaboradoras foram: salários defasados e atrasados; falta de carteiras adequadas; ausência de material de expediente; crianças que tinham piolho passavam umas para as outras e para os professores, causando o alastramento desse parasita; a alta frequência de registro de bicho-de-pé prejudicava o a higiene dos alunos, obrigando os professores a fazerem a retirada desse parasita na própria escola; muitos casos de estudantes que passavam fome e que tinham na merenda escolar, que geralmente faltava, a oportunidade de uma refeição; alunos com problemas de desnutrição e verminoses apresentando diarreias e outros sintomas, etc.

Felizmente, nem só de dificuldades o magistério é feito. Os desafios são grandiosos, mas há muitas alegrias envolvidas, situações, acontecimentos, gestos, práticas que se tornam experiência (LARROSA, 2016) e nos marcam de muitas formas. Relembrando suas alegrias na profissão e reafirmando sua contribuição na vida dos moradores de Ilha Grande, no sentido da mudança de realidade e das transformações influenciadas por suas práticas, as colaboradoras relataram que acreditam que seu trabalho foi importante e mudou vidas nos povoados.

As colaboradoras são conscientes de que a prática pedagógica docente que desenvolveram teve forte impacto em suas vidas e na vida dos moradores de Ilha Grande. Ao lembrarem aspectos de suas trajetórias, os relatos se aproximaram, apontando a importância desse trabalho nas comunidades onde atuaram ou tiveram alguma contribuição.

Tornando-se professoras nas comunidades de Ilha Grande, ainda que em processos de agruras, de dificuldades, de pesar em diferentes segmentos, foi também um processo de realização e de felicidade, como nos disseram ao serem motivadas a falar sobre sua satisfação em relação ao magistério:

Colaboradora 01: Fui muito feliz, graças a Deus! E todos os dias eu agradeço a Deus por tudo que Ele me deu. Lembro de que muitas vezes fui dormir de madrugada, quase de manhã, estudando para passar em concurso, porque eu queria ser professora! Então, eu sou muito grata e feliz!

Colaboradora 02: Ah, demais, muito feliz, realizada com certeza, porque a minha vocação era isso, ser professora, eu nunca quis outra profissão, eu me sinto muito realizada por esses anos que eu trabalhei.

Feliz foi o adjetivo compartilhado sobre a satisfação em ser professora ribeirinha, a felicidade em exercer o magistério, mesmo diante de tantas dificuldades. Ser professora nas comunidades do Delta do Rio Parnaíba significava sacrifício, persistência, luta, mas também uma satisfação que brotava do desejo de contribuir com os membros da comunidade, bem como de realização pessoal e profissional das próprias professoras.

O escritor Rubens Alves (2000), na obra “A Alegria de Ensinar”, fala das alegrias e do prazer de ensinar, esclarecendo que dentre outras atribuições, nós – professores –

José Marcelo Costa dos Santos e Maria do Amparo Borges Ferro

deveríamos ser intérpretes de sonhos. Alves (2000) tece nesta obra uma importante reflexão, por meio de uma escrita com ares de poesia, sobre como o fenômeno da educação se manifesta nas relações entre quem a torna possível: quem ensina, quem aprende e o que é aprendido/ensinado.

Constrói uma caricatura do ser professoral que nos ajuda a vislumbrar aspectos da boniteza do ofício de ser professor, sem mascarar ou fantasiar suas intempéries. Assim é, pois, nossa atividade de educar: um processo que nos torna imortal, porque vive e revive naqueles a quem formamos e com os quais aprendemos e nos tornamos quem somos – profissionais dotados da capacidade de mudar, possibilitar mudanças, tornar possíveis os aprendizados, como bem o fizeram as ribeirinhas do Delta aqui referenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetizando, mostrando as primeiras noções de cálculo, compartilhando valores e culturas nos povoados do Delta do Rio Parnaíba, as professoras colaboradoras deste estudo enfrentaram as correntezas dos rios da docência. Esse processo possibilitou que navegassem pelas águas do conhecimento, marcando vidas e possibilitando mudanças pessoais e sociais.

Na destreza em conduzir suas práticas pedagógicas docentes, essencialmente educativas, desempenharam inúmeros papéis, além de professoras foram conselheiras, orientadoras, exercendo relações de respeito, carinho e admiração nos povoados em que atuaram.

Como professoras dedicadas buscaram o magistério como forma de crescimento profissional, mas também como uma oportunidade de exercer um trabalho que ajudasse a sua comunidade a se desenvolver e tornar-se um lugar com melhores condições de sobrevivência mediante o desenvolvimento de processos educativos.

As escolas por onde passaram, em décadas de trabalho dedicadas ao magistério, eram quase dimensões de suas próprias casas. Nesses locais e para além deles, essas mulheres ensinaram e aprenderam no exercício árduo da docência, tendo se realizado como profissionais do ensino.

Seus legados estão registrados na história da educação piauiense e suas memórias espelham práticas significativas e, por vezes, transformadoras, considerando que foi por intermédio dessas práticas que muitos ribeirinhos do Delta do Parnaíba aprenderam a ler, escrever e calcular.

Dessa forma, a prática pedagógica docente dessas professoras, no período de 1980 a 1990, se deu em movimentos de travessias, entre idas e vindas, alegrias e desencantos, se

Título em Português (Idioma Principal)

consolidando como ações marcantes para si e para os que, por meio do trabalho que executaram, tiveram acesso à cultura letrada formal.

Este estudo analisou aspectos de práticas pedagógicas docentes em contextos ribeirinhos no Delta do Rio Parnaíba, a partir de memórias de professoras aposentadas, caracterizando aspectos dessas práticas, de modo a enfatizar os sentidos e significados do magistério.

A presente feitura não encerra as discussões sobre a temática, ao contrário, posiciona-se como um convite para pesquisas mais densas a respeito do professorado que atuou em comunidades ribeirinhas no Delta do Rio Parnaíba, nas décadas finais do século XX, considerando processos formativos e os impactos destes na vida e na carreira dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas educativas e Práticas pedagógicas: questões epistemológicas. **Laconex@o**. UFPB, n. 9, agosto, 2020. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/laconexao/contents/documentos/experiencias-e-reflexoes-pedagogicas/reflexao-09-praticas-educativas-e-praticas-pedagogicas-questoes-epistemologicas.pdf> Acesso em: 15 fev. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Rev. bras. **Estud. pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353> Acesso em: 28 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. (Trad.) Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Anna Paula de Avelar Brito. **Psicologia da aprendizagem**. Recife: UFRPE, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 2. ed. São Paulo: 2005.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

José Marcelo Costa dos Santos e Maria do Amparo Borges Ferro

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções. *Revista Poiesis*, vol. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de Professores: identidade e saberes da docência*. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SACRISTÁN, J.G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. (Trad.) Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Submetido em: 17 de abr de 2023.

Aprovado em: 09 de out de 2024.

Publicado em: 30 de abr de 2024.